

Ensino da Filosofia: uma tarefa impossível?

Teaching philosophy: an impossible task?

Resumo

O ensino da filosofia sempre trouxe inúmeros desafios, podendo até mesmo ser considerado a rigor impossível. Exploraremos algumas das várias direções para viabilizar essa tarefa, mostrando que surpreendentemente o ceticismo nos traz algumas saídas que podem dar resultado.

Palavras-chave: ensino da filosofia, ceticismo, história da filosofia

Abstract

Teaching philosophy always meant having to face many challenges, sometimes even considered an impossible task. We shall envision some ways of making this task possible, showing that surprisingly skepticism can give good results.

Key Words: teaching of philosophy, skepticism, history of philosophy

* Professor no Departamento de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). E-mail: danielosouza filho@gmail.com.

Recebido em: 19/03/2019 Aceito em: 08/06/2019

*A filosofia diz sempre a mesma coisa.
Platão, Górgias (482a)*

Retornando no início dos anos 80 de meu doutorado na Grã-Bretanha na mais pura tradição analítica me vi em busca de trabalho como professor, enfrentando as dificuldades de sempre. A aprovação em um concurso para o então segundo grau (hoje ensino médio) me levou a um colégio estadual da Zona Norte do Rio de Janeiro. A ansiedade da preparação das aulas me fez recordar de meus antigos mestres do curso de mestrado na PUC-Rio e de doutorado na universidade de Saint Andrews com o rigor das leituras e a exigência das análises e interpretações. Inevitavelmente, tomei-os como modelo e me preparei para o início do semestre letivo. A entrada em sala de aula, o chamado “choque de realidade”, me fez abandonar tudo aquilo que havia preparado, quando me defrontei com meus alunos, adolescentes, quase todos carentes, mas com uma imensa curiosidade sobre o curso de filosofia, matéria que nunca haviam estudado antes. Conversando com eles, procurando saber de seus interesses e inquietações, lembrei-me de meu próprio começo e recorri então a uma das primeiras disciplinas de meu curso de graduação em filosofia, sobre o Existencialismo, deixando de lado os rigores da filosofia analítica, certamente inadequados para aquele contexto. Meus alunos foram meus primeiros mestres, foram eles que me ensinaram a dar aula de filosofia, o que nunca havia feito antes. Começamos juntos.

A primeira dificuldade de um curso de filosofia para alunos de outras áreas consiste em procurar mostrar-lhes por que vale a pena estudar filosofia. Raramente isso é óbvio e com frequência os alunos estão ali apenas por obrigação. A filosofia, seja qual for o autor ou corrente que escolhermos para essa apresentação inicial, deve ser então relacionada à experiência desses alunos e relacionada também a outras disciplinas que cursam e que têm um interesse mais próximo para eles.

Mas, a relevância da filosofia nem sempre é imediata. Lembro-me de um ex-aluno que encontrei tempos depois e fez questão de vir falar comigo e dizer que tinha sido meu aluno em Introdução à Filosofia. Naquela época, disse ele, não achou o curso muito interessante, mesmo me considerando bom professor, tinha outras preocupações. Mas, hoje, a partir de sua experiência profissional, percebeu a relação daquilo que discutimos – pensamento crítico, questões éticas, estratégias argumentativas – para sua vida e, felizmente, disse ele, tinha conservado boa parte do material bibliográfico que utilizamos e que agora se revelara inesperadamente útil.

Em um de seus últimos escritos, “Análise terminável ou interminável” de 1937, Freud¹ se refere a três ofícios impossíveis, sendo um deles ensinar, ou melhor, educar (os outros seriam governar e psicanalisar). Impossível no sentido de sempre insuficiente, porque ao contrário do artesão que produz um objeto e com isso evidencia sua capacidade técnica ou até mesmo sua criatividade, no caso do ensinar não há como medir o resultado, apesar de nossos vãos esforços de avaliação. O processo é relevante exatamente porque interminável, sempre ainda por fazer. É nessa abertura que temos um saber que se constrói e se reconstrói, podendo adquirir um novo sentido em outro momento e essa não é sua fraqueza, mas sua força. Para isso é essencial entender o processo como inacabado, no sentido de que tem um tempo próprio. No caso de meu antigo aluno, ele descobre que o processo ainda não havia terminado e que pôde ser retomado a partir de algo que o desperta e o coloca novamente em marcha.

Nosso contexto é pluralista, não temos, de modo geral, correntes dominantes, nem posturas dogmáticas. O fechamento da filosofia em doutrinas excludentes é raro hoje entre nós, e o aluno se beneficia do contato com diferentes correntes e é apresentado a diferentes formas de tratamento das questões filosóficas. Apesar disso, inevitavelmente, em sala de aula é preciso fazer escolhas, que mesmo levando em conta os interesses dos alunos refletem a formação e a especialidade do professor. No exemplo que dei, não poderia ter optado pelo Existencialismo se não tivesse feito leituras e cursos nessa corrente filosófica.

Mas, é sempre importante que nossas escolhas e nossos pressupostos, nossos pontos de partida, fiquem tão claros quanto possível aos nossos alunos (e, é claro, para nós mesmos, o que nem sempre acontece), mostrando assim que são escolhas possíveis e que certamente há alternativas a elas, mas que serão sempre também outras escolhas. Nossas escolhas refletem nossa própria formação.

Refletem também o fato de que de um ponto de vista histórico muitas vezes é difícil identificar quais os filósofos que poderíamos chamar de inevitáveis, ou seja, que são essenciais para o conhecimento dos alunos. Antoine Arnauld, contemporâneo e interlocutor de Descartes, foi conhecido em sua época como *Le Grand Arnauld*; hoje contudo desperta pouco interesse. Christian Wolff foi um dos pensadores mais importantes da Alemanha no início do século XVIII, tendo influenciado bastante Kant, que se refere a ele com admiração, e atualmente é muito pouco lido.

1 Freud, S. “Análise terminável e interminável”, *Obras Completas*, vol. XXIII, Rio, Imago, 1975.

De um ponto de vista histórico, é curioso lembrar quando pensamos sobre o ensino da filosofia hoje, seus rumos e seu futuro, que o ceticismo que parecia morto e enterrado ao final da Antiguidade tardia tenha ressurgido com força total cerca de mil anos depois no início da Modernidade, permanecendo entre nós como questão central para a discussão filosófica. Talvez o ceticismo seja a única corrente da filosofia antiga a ter uma versão moderna e mesmo contemporânea.

Isso parece indicar de certa forma a imprevisibilidade do destino das correntes filosóficas. A permanência, ou a retomada, de uma filosofia parece depender de seu significado e de sua relevância, do que tem a dizer para uma determinada época. Depende, assim, dos contextos de sua produção e de sua recepção, depende sobretudo de que tenha bons leitores, bons intérpretes, daqueles que reivindicam essa herança, que leiam e retomem suas questões nesse novo contexto e as levem adiante. Estabelecem assim uma relação entre o contexto de sua retomada e o de sua origem, de sua produção. É o que devemos fazer a cada vez em sala de aula.

Dois autores mostram isso de forma magistral, Richard Popkin com seu “A retomada do ceticismo antigo no período moderno” e Paul Oskar Kristeller em seu “The rediscovery of ancient scepticism in modern times”, ambos analisando a mesma temática². O ceticismo em suas diversas versões antigas, modernas e contemporâneas constitui assim um caso paradigmático para essa discussão sobre os rumos do ensino da filosofia e sobre a contingência do saber filosófico, pondo em cheque a busca por alguns filósofos de uma *philosophia perennis*, uma filosofia eterna.

Encontramos na tradição cética antiga uma narrativa exemplar sobre o jovem que interessado em filosofia dirige-se a Atenas atraído pela fama da cidade. Encontra de início a Academia, a escola de Platão, da qual logo se torna um entusiástico discípulo. Ouve falar em seguida do Liceu de Aristóteles, ex-discípulo, crítico de Platão e autor de uma teoria rival. Convencido dessas críticas se torna um aristotélico. Porém, toma conhecimento também da escola de Zenão, o Pórtico, passa a frequentá-la e assume o estoicismo. Ouve ainda falar do jardim de Epicuro e procura conhecer essa filosofia. Contudo, nesse momento, o jovem se dá conta de que tendo vindo estudar filosofia encontrou não uma, mas várias escolas, todas baseadas nos ensinamentos

2 Popkin, Richard H. *A história do ceticismo de Erasmo a Spinoza*, cap.2, Rio, Francisco Alves, 2000; e P.O.Kristeller, em Burnyeat, M. *The skeptical tradition*, Berkeley and Los Angeles, University of California Press, , 1983. cap.9

de grandes mestres e todas excludentes entre si, cada uma se pretendendo a única verdadeira filosofia. Cai em perplexidade diante do conflito ao perceber que não tem como fazer uma escolha entre essas diferentes escolas, uma vez que não encontra um *critério* independente em que se basear para fazer essa escolha. Do ponto de vista de cada escola, as demais parecem falhas. O conflito insuperável, a *diaphonia anepikritos*, entre as várias doutrinas filosóficas rivais parece insolúvel³. A escolha por uma corrente filosófica corre o risco de ser, em última análise, arbitrária⁴.

A filosofia em seu surgimento na Grécia Clássica foi o que se pode chamar de uma “prática adversarial”. Uma de suas marcas capitais foi a polêmica e o confronto. As diferentes escolas pré-socráticas desenvolviam a controvérsia como parte central de sua atividade de pensamento. A mais famosa talvez tenha sido a ampla controvérsia, com vários aspectos e vários interlocutores entre monistas e mobilistas. Os paradoxos de Zenão de Eléia são provavelmente os mais famosos argumentos dos monistas contra os mobilistas pela tentativa de mostrar a “irrealidade” do movimento. O paradoxo tem a vantagem de produzir um efeito perturbador e, portanto, motivador do pensamento

No *Sofista* (246a-c), Platão usa a imagem da “batalha entre os deuses e os gigantes” para caracterizar esse contexto da filosofia grega. Os deuses seriam os “amigos das formas” que apontam para uma realidade abstrata superior e os gigantes, que “vivem na Terra”, são os materialistas. Segundo Platão, ambos “travam uma batalha interminável”, porque sem vencedores.

O eminente filósofo da ciência do século XX, Karl Popper, em seu estudo sobre a filosofia dos pré-socráticos, enfatiza a importância da noção de *hipótese* e do caráter crítico no surgimento do pensamento grego, filosófico e científico⁵.

O que é novo na filosofia grega, o que é acrescentado de novo, parece-me consistir não tanto na substituição dos mitos por algo de mais “científico”, mas sim em uma nova atitude em relação aos mitos. Parece-me ser meramente uma consequência dessa nova atitude o fato de que seu caráter começa então a mudar.

3 Literalmente, “sem critério de solução”.

4 A origem parece ser Luciano de Samosata (séc.II), Mercado de Vidas:<https://lucianosamosata.info/Hermotimus.html> Agradeço ao prof. Rodrigo Brito essa referência.

5 Karl Popper, *The world of Parmenides; essays on the pre-socratic enlightenment*, London, Routledge, 1998.

A nova atitude que tenho em mente é a atitude crítica. Em lugar de uma transmissão dogmática de doutrina (na qual todo interesse consiste em preservar a tradição autêntica) encontramos uma transmissão crítica da doutrina. Algumas pessoas começam a fazer perguntas a respeito da doutrina, duvidam de sua veracidade, de sua verdade.

A dúvida e a crítica existiram certamente antes disso. O que é novo, porém, é que a dúvida e a crítica tornam-se agora, por sua vez parte da tradição da escola. Uma tradição de caráter superior substitui a preservação tradicional do dogma. [...] Não pode ser por mero acidente que Anaximandro, discípulo de Tales, desenvolveu uma teoria que diverge explícita e conscientemente da de seu mestre e que Anaximenes, discípulo de Anaximandro, tenha divergido de modo igualmente consciente da doutrina de seu mestre. A única explicação parece ser a de que o próprio fundador da escola tenha desafiado seus discípulos a criticarem sua teoria e que eles tenham transformado essa nova atitude crítica de seu mestre em uma nova tradição.⁶

É essa herança que reavivamos a cada momento em sala de aula ao retomar os temas que herdamos da tradição.

A questão das escolhas possíveis e impossíveis, da identidade das escolas e das diferenças entre elas encontra uma de suas principais fontes em Diógenes Laércio (séc.III), autor de *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*⁷. Sem jamais ter sido considerado um pensador original, e talvez não fosse esse realmente seu propósito, sua obra teve, contudo, uma influência grande como apresentação do pensamento dos principais filósofos da Antiguidade, servindo como importante obra de referência, chegando até nós relativamente completa com apenas algumas lacunas. Destacamos a discussão na introdução (livro I, 19) em que Diógenes faz uma relação das mais importantes correntes, ou seitas (*haireseis* é o termo que usa), filosóficas da época, hoje em sua maioria praticamente desconhecidas. Procura caracterizar então no que consiste uma seita filosófica, estabelecendo critérios que refletem de certa forma o papel da filosofia na sociedade romana da época: o reconhecimento e a possibilidade

6 Karl Popper, "O balde e o holofote" em *Conhecimento Objetivo*, São Paulo, Itatiaia/EDUSP, 1974.

7 Diógenes Laércio, *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, Brasília, UnB, 1978.

de ensinar uma doutrina⁸. Com base nesses critérios, levanta uma questão pertinente para nós: até que ponto o ceticismo pirrônico pode ser considerado uma filosofia? O que levanta um ponto adicional sobre qualquer corrente filosófica: a diferença entre como ela se autoidentifica e sua recepção, ou mesmo, suas diferentes recepções.

Esse texto parece representar uma guinada doutrinária encontrada na Antiguidade Tardia em que o espírito da controvérsia dá lugar a uma preocupação com uma doutrina a ser ensinada e, portanto, a uma forma de dogmatismo. Não discute a relação entre as seitas parecendo indicar que havia pouco debate filosófico entre elas. Os céticos, acadêmicos e pirrônicos, parecem ser a exceção, como Diógenes reconhece ao menos a propósito dos pirrônicos⁹, mantendo o espírito da polêmica. Se Pirro ele próprio polemizava não parece claro, já que os relatos o descrevem como praticando a filosofia como estilo de vida, como *diathésis*, buscando um distanciamento das perturbações da vida comum.

Mas, os acadêmicos parecem ter sido de fato os primeiros a colocar em questão a própria possibilidade da filosofia, sua tarefa, seu papel, sua transmissão, ou ensino. A principal contribuição do ceticismo consistiria assim na valorização da controvérsia, inicialmente com a polêmica contra os estoicos. Essa polêmica evitou o dogmatismo das filosofias da época e a cristalização de posições doutrinárias, forçando as doutrinas a se redefinirem e a se reformularem em resposta às críticas céticas. Abre caminho assim para uma metodologia do ensino da filosofia que valoriza mais o debate do que a doutrina. O próprio Platão defendia que a filosofia como prática do diálogo significava a possibilidade de reconhecer a sua razão e a razão do outro, de seu interlocutor (*República*, 534b).

O grande exemplo da preservação desse espírito crítico e da atitude polêmica encontra-se, contudo, no conjunto de textos de Sexto Empírico conhecidos como *Contra os dogmáticos* (*Contra os lógicos*, *Contra os físicos*, *Contra os moralistas*) e *Contra os professores* (*Contra os geométricos*, *Contra os aritméticos*, *Contra os Retóricos*, *Contra os astrônomos*, *Contra os músicos*). Trata-se de um verdadeiro ataque às doutrinas científicas da época, principalmente, mas não apenas, estoicas. Isso fez com que essas doutrinas se reformulassem, tendo em vista a necessidade de responder a esses ataques o que acabou por evitar

8 Roberto Polito, "Was skepticism a philosophy?", *Classical Philology*, 102, 2007, págs.333-362..

9 Roberto Bolzani, *Acadêmicos VS Pirrônicos*, Alameda, São Paulo, 2013.

que suas posições se cristalizassem, se fechassem no dogmatismo e fossem rapidamente ultrapassadas. Ao coligir essas doutrinas para discuti-las criticamente, Sexto Empírico paradoxalmente acabou contribuindo também para a sua preservação e, por exemplo, a principal fonte de nosso conhecimento da lógica dos estoicos ainda hoje é seu *Contra os lógicos*¹⁰.

O advento do Cristianismo produziu mais uma vez uma guinada dogmática no sentido de que os cristãos afirmaram ter um critério de verdade, a revelação de Cristo, ou seja, a fé. Santo Agostinho é o principal pensador a argumentar nesse sentido na filosofia ocidental em seu *Contra os acadêmicos* (c.389)¹¹. Contudo, apesar da adoção dessa posição e da afirmação da fé como critério de verdade, o Cristianismo ele próprio foi sempre um campo de grandes controvérsias que produziram as heresias (é curiosa a diferença até certo ponto no uso desse termo em relação ao de Diógenes Laércio, examinado acima). A doutrina foi se fixando institucionalmente através dos Concílios e da adoção do Cristianismo como religião oficial do Império Romano no século IV. A Igreja Cristã sempre lutou pela preservação da unidade doutrinária, o princípio de “um barco com um só piloto”, mas em grande parte sem sucesso, porque sua história foi também marcada por polêmicas e controvérsias religiosas. Talvez herdadas através da influência da filosofia grega no pensamento teológico dos primeiros séculos.

Assim, apesar da pretendida unidade o espírito da controvérsia sempre esteve presente no cristianismo medieval. Dois grandes exemplos podem ser dados, apenas como ilustração. Pedro Abelardo (1079-1142) com sua *Dialética* e São Tomás de Aquino com a estrutura argumentativa dialética da *Suma Teológica*. A dialética, enquanto arte da controvérsia, da preparação para a *disputatio*, era parte do *trivium*, o início das artes liberais e portanto da educação formal inicial principalmente dos clérigos. A dialética preservava a estratégia de argumentar “*in utramque partem*” que remonta a Cícero e à dialética da Nova Academia de Arcesilau e Carnéades, também conhecido como “antilogica” e seus praticantes os “*antilogikoi*”. É sempre possível examinar os dois lados de uma questão e a preparação do dialético deve incluir a capacidade de argumentar contra ou a favor de uma posição porque esta é a forma de antecipar a posição do adversário e estar preparado para refutá-lo. Essa foi a forma por excelência do ensino da filosofia no período da escolástica.

10 Ver Mates, Benson. *Stoic logic*. University of California Press, 1961.

11 Agostinho, Aurélio. *Contra os acadêmicos*, São Paulo, Paulus, 2008.

É claro que no contexto do Cristianismo essas disputas se davam sempre dentro de um quadro conceitual pré-determinado, os dogmas do Cristianismo, que ficavam eles próprios fora da disputa, funcionando como pressupostos inquestionáveis. Nesse sentido, a controvérsia e o espírito do questionamento encontrados na Grécia Antiga tiveram seu âmbito reduzido. Na *Apologia*, ao contrário, Sócrates diz que para o filósofo não há nada que não possa ser posto em questão. E essa é uma lição indispensável em qualquer experiência de ensino da filosofia.

A Reforma Protestante será o grande campo de controvérsia no início da modernidade, levando ao que Popkin denominou de “crise intelectual da Reforma”¹². O principal exemplo que examinou nesse contexto foi a disputa entre Erasmo e Lutero sobre o livre arbítrio, em que Erasmo recorre à dialética e a argumentos céticos e Lutero apela em última análise para a regra da fé como critério de estabelecimento da verdade¹³. Segundo Popkin, essa é a principal porta de entrada do ceticismo antigo no contexto moderno. A Reforma Protestante e a Revolução Científica inaugurada por Copérnico, e que se difundirá por mais de um século até os *Principia Mathematica* (1687) de Newton, mostram como o espírito da controvérsia perpassa todo o período inicial da Modernidade e é essencial para a transformação das visões de mundo dessa época. O melhor exemplo de polêmica talvez seja Galileu Galilei com seu *Diálogo sobre os dois grandes sistemas do mundo* (1632) em que confronta o modelo geocêntrico com o heliocêntrico, que defende, o que lhe valeu a condenação ao silêncio.

Nesse contexto, Descartes foi um grande controversialista em sua preocupação nas *Meditações* em refutar os céticos e nas discussões que realiza através de sua vasta correspondência. Popkin chega a afirmar que Descartes fez “a Reforma na filosofia”¹⁴. É também um caso único na tradição filosófica de um autor que convida a alguns de seus interlocutores a fazerem objeções à sua obra e responde a essas objeções. Vemos mesmo como algumas dessas objeções o levam a reformular, ou ao mesmo a esclarecer e a elaborar suas posições. Descartes ele próprio reconhece as *Quintas Objeções*, cujo autor

12 Popkin, *op.cit.* capítulo 1, passim.

13 Erasmus and Luther, *Discourse on free will*, New York, Continuum, 2006.

14 Popkin, R. *op.cit.* pág.299.

ou autores permanecem desconhecidos, como a “objeção das objeções” e se preocupa em respondê-las cuidadosamente. Aceita que outros possam ter razão, segundo o princípio platônico a que nos referimos¹⁵.

Porém, já começamos a encontrar a partir desse momento uma guinada quanto ao papel das disputas e das polêmicas e quanto ao recurso aos argumentos céticos. Para Descartes, o ceticismo deve ser refutado e superado pelo estabelecimento de uma ciência natural fundamentada filosoficamente. A mesma posição se encontra em John Locke, quando na “Carta ao Leitor” no *Ensaio sobre o Entendimento Humano* afirma que o filósofo com suas dúvidas e questionamentos é como um ajudante (*under-labourer*) que prepara o terreno para a ciência ser construída. Locke também se refere ao conflito e à necessidade de reconhecer os limites do alcance de nosso conhecimento (Introdução, 2, 7)¹⁶. Contudo, a controvérsia começa a adquirir um lugar secundário no exercício da filosofia que, como mostram esses dois exemplos, significativamente de um empirista e de um racionalista, tem como finalidade possibilitar a construção do conhecimento, sendo uma etapa preparatória para isso. Considero que Descartes e Locke pretendem uma superação do ceticismo quanto à possibilidade do conhecimento científico e não como exercício do pensamento filosófico.

Essa mudança adquire um novo sentido em Kant, quando na *Crítica da Razão Pura* (Prefácio à 1ª. edição) contrasta a filosofia e suas polêmicas com a ciência natural bem fundamentada e se pergunta por que a filosofia se perde em controvérsias e não encontrou ainda “o caminho seguro da ciência” (Prefácio à 2ª.edição), que deve lhe servir de exemplo, tomando a física de Newton como paradigma de teoria científica bem sucedida. O trabalho filosófico deve ser então o de superação da controvérsia. Dessa forma, refere-se ao ceticismo como contribuindo para o espírito crítico, porém, apenas inicialmente. Segundo Kant (op.cit.)¹⁷:

O cético é um benfeitor da razão humana, forçando-nos a nos manter vigilantes e nos impedindo de nos considerarmos possuidores de algo que talvez tenhamos obtido ilegitimamente. (A 378-9)

15 Descartes foi um alvo predileto de muitos de seus contemporâneos, e também após a sua morte. Foi criticado por Locke, Spinoza e Pascal, dentre outros, mas foram mais críticas do que polêmicas, já que não houve resposta de Descartes em nenhum desses casos.

16 Locke, John. *An essay on human understanding*. Chicago. Great Books, Encyclopedia Britannica, vol.35, 1952.

17 Kant, I. *Crítica da razão pura*. Lisboa, Gulbenkian. 2001.

O cético é o mestre que força o pensador dogmático a desenvolver uma crítica rigorosa do entendimento e da razão [...] enquanto o próprio procedimento cético não é capaz de fornecer nenhuma resposta satisfatória às questões da razão, não obstante ele prepara o caminho, tornando a razão mais circunspecta e indicando as medidas radicais adequadas para mantê-la dentro de seus legítimos domínios. (A 769)

A concepção da filosofia como sistema adversarial a que nos referimos no início começa a dar lugar a uma concepção construtiva em que a filosofia formula teorias, sobretudo nos exemplos acima, epistemológicas, ou seja, sobre a possibilidade do conhecimento científico e sua fundamentação. O foco se desloca da filosofia como debate para a filosofia como produção teórica. A partir daí o ensino tende a ser considerado mais uma questão de transmissão de conteúdos teóricos ou históricos do que de estímulo à discussão, tomando as questões filosóficas originárias da tradição como pontos de partida para o debate.

Nietzsche talvez tenha sido o último grande polemista ao defender que a filosofia deve ser feita com um martelo¹⁸. Mas, frequentemente corremos o risco de estudar Nietzsche, de interpretá-lo e de comentá-lo ao invés de praticar a sua filosofia.

Há ainda no início do XX algumas controvérsias significativas, como por exemplo, o famoso Colóquio de Davos (1929), um debate entre Ernest Cassirer e Martin Heidegger a propósito da interpretação da filosofia kantiana¹⁹. Outro exemplo consiste no colóquio organizado em Royaumont para aproximar filósofos da tradição analítica e filósofos franceses de tradição fenomenológica e hermenêutica que resultou em fracasso²⁰. Mais recentemente, a polêmica entre Derrida e Searle em torno da filosofia da linguagem é um autêntico diálogo de surdos²¹.

Mas, podemos considerar que o legado cético na Modernidade consiste no pluralismo científico e filosófico que encontramos no mundo

18 Nietzsche, F. Prefácio, *Crepúsculo dos ídolos*, Porto Alegre, L&PM editora, 2009.

19 Michael Friedman, *A parting of the ways: Carnap, Cassirer and Heidegger*, Chicago and LaSalle, Ill., Open Court, 2000. Peter F.Gordon, *Continental divide: Heidegger, Cassirer, Davos*, Harvard University Press, Cambridge, Mass. 2010.

20 Cahiers de Royaumont, *La philosophie analytique*, Paris, Minuit. 1962; Ivan Domingues, *O continente e a ilha*, São Paulo, Loyola, 2009.

21 Moati, Raoul et al., *Derrida and Searle: deconstruction and ordinary language*, New York, Columbia University Press, 2014.

contemporâneo. O ceticismo teria triunfado em sua problematização das pretensões dos dogmatismos, fazendo com que fossem em larga escala abandonadas, simplesmente porque o pensamento doutrinário leva a *diaphonia*. Mas, no desenvolvimento da tradição moderna, isso não tornou o pensamento cético, dando sim origem ao pensamento crítico, como mostram as passagens de Kant citadas acima. O ceticismo se diluiu, dissolveu o dogmatismo e de certa forma dissolveu a si mesmo. Já não há, salvo raras exceções, teorias que procurem se impor dogmaticamente, que se pretendam doutrinárias à exclusão das demais. Ao mesmo tempo, nenhuma teoria é aceita de forma unânime. Várias delas convivem nos mais diversos campos do saber, sem que possam refutar definitivamente umas às outras. Aceitamos essa pluralidade como própria do pensamento. Dificilmente hoje uma teoria filosófica ou científica assumiria uma postura dogmática ou proclamaria uma certeza definitiva. E isso nos parece extremamente positivo como expressão da diversidade e da liberdade de pensamento.

Por outro lado, isso não poderia levar a uma fragmentação do pensamento, a uma dispersão de posições filosóficas, a uma ausência e mesmo a uma dificuldade de diálogo efetivo entre as diferentes correntes, a uma “incomensurabilidade de paradigmas”? Ou pior ainda, a um desinteresse por posições diferentes, a um distanciamento entre as correntes de pensamento? A discussão tornou-se interna aos diferentes paradigmas, no máximo tornou-se uma discussão entre especialistas sobre a interpretação de um autor ou texto. Podemos correr o risco de estar diante de uma tolerância diluidora, um convívio em que as diferentes posições parecem mutuamente se ignorar. Prevalece o trabalho da análise e do comentário. Mais o estudo erudito da filosofia do que a prática da filosofia.

Mesmo nesse novo contexto, o dilema cético se repõe em relação ao que seria hoje a escolha por um jovem filósofo de um pensamento que o inspire. Minha proposta para se repensar o futuro do ensino da filosofia, para revigorá-lo, consiste assim na retomada da controvérsia, na recuperação de uma linguagem comum para a filosofia que, mesmo plural, permita o debate, os questionamentos, a problematização de pressupostos, a formulação de visões alternativas, o confronto e o conflito que em alguns dos momentos que exemplificamos foi o que deu vitalidade à filosofia, fez com que encontrasse novos rumos, abrisse outros caminhos e tivesse um papel transformador envolvendo outros saberes. O futuro da filosofia, e portanto nosso compromisso com seu ensino, está em romper com posições entrincheiradas, em ver o comentário interpretativo erudito como um trabalho necessário, porém preliminar.

O mais relevante seria retomar a polêmica argumentativa que caracterizou historicamente os melhores momentos do pensamento filosófico e lhe deu vitalidade e criatividade. Essa nossa tarefa. Possível, mas interminável.

Referências

- AGOSTINHO, A. *Contra os acadêmicos*. São Paulo: Paulus, 2008.
- BOLZANI, R. *Acadêmicos VS Pirrônicos*. São Paulo: Alameda, 2013.
- BURNYEAT, M. (org.). *The skeptical tradition*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1983.
- CAHIERS DE ROYAUMONT. *La philosophie analytique*. Paris: Minuit, 1962.
- DOMINGUES, I. *O continente e a ilha*. São Paulo: Loyola, 2009.
- ERASMUS, D.; LUTERO, M. *Erasmus and Luther, Discourse on free will*. New York: Continuum, 2006.
- FREUD, S. Análise terminável e interminável [1937]. In: _____. *Obras Completas*, Vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996.
- FRIEDMAN, M. *A parting of the ways: Carnap, Cassirer and Heidegger*. Chicago and LaSalle: Open Court, 2000.
- GORDON, P. F. *Continental divide: Heidegger, Cassirer, Davos*. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 2010.
- KANT, I. *Crítica da Razão Pura*. Lisboa: Gulbenkian, 1997.
- KRISTELLER, P. O. The rediscovery of ancient scepticism in modern times. In: BURNYEAT, M. *The skeptical tradition*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1983.
- LOCKE, J. *An essay on human understanding*. Chicago: Encyclopedia Britannica, vol.35, 1952. (Great Books)
- MOATI, R. et al. *Derrida and Searle: deconstruction and ordinary language*. New York: Columbia University Press, 2014.
- NIETZSCHE, F. *Crepúsculo dos ídolos*. Porto Alegre: L&PM editora, 2009.
- POPKIN, R. *A história do ceticismo de Erasmo a Spinoza*, Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- LAÉRCIO, D. *Vida e doutrina dos filósofos ilustres*. Brasília: UnB, 1988.
- LUCIANO DE SAMOSATA. *Mercado de Vidas*. Disponível em: <https://lucianofsamosata.info/Hermotimus.html>. Acesso em: 12 jan. 2019.
- MATES, B. *Stoic logic*. Berkeley & Los Angeles: University of California Press, 1961.
- POLITO, R. Was skepticism a philosophy? *Classical Philology*, 102, p. 333-362, 2007.

POPPER, K. O balde e o holofote. In: _____. *Conhecimento Objetivo*. São Paulo / Itatiaia: EDUSP, 1974.

_____. *The world of Parmenides: essays on the pre-socratic enlightenment*. London: Routledge, 1998.

SEXTUS EMPIRICUS. *Works*. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1967. (Loeb classical library)